

VIVÊNCIAS EXTENSIONISTAS NA FORMAÇÃO EM SAÚDE: RELATO DE ESTUDANTES SOBRE DESAFIOS E APRENDIZADOS NO PROJETO "SAÚDE EVIDENTE"

EXTENSION ACTIVITIES IN HEALTH EDUCATION: A REPORT ON STUDENT EXPERIENCES IN THE "SAÚDE EVIDENTE" PROJECT (CLEAR AND ACCESSIBLE HEALTH)

ACTIVIDADES DE EXTENSIÓN EN EDUCACIÓN EN SALUD: UN REPORTE DE EXPERIENCIAS ESTUDIANTILES EN EL PROYECTO "SAÚDE EVIDENTE" (SALUD CLARA Y ACCESIBLE)

Mariana Rodrigues Brandão Braga¹
Raquel Jesmine Campos e Nonato²
Lara Silva Dantas³
Carlos Eduardo Lopes Pires⁴
David Fernando de Moraes Neri⁵

DOI: 10.5281/zenodo.18707079

RESUMO

Nem sempre se aprende com apostilas. Às vezes, é no aperto de mão, na escuta silenciosa ou na visita inesperada que a formação em saúde realmente acontece. Neste relato, estudantes compartilham o impacto vivido ao saírem da sala de aula e mergulharem na realidade de comunidades atendidas pelo projeto "Saúde Evidente". O que começou como uma ação educativa se transformou em um processo de transformação pessoal e coletiva. Entre encontros em Unidades Básicas de Saúde, rodas de conversa, caminhadas no parque e escutas domiciliares, surgiram vínculos, descobertas e aprendizados que nenhum conteúdo isolado conseguiria proporcionar. A experiência mostrou que a extensão universitária, mais do que um eixo de formação, é um espaço onde se aprende a cuidar com empatia, adaptar estratégias com criatividade e reconhecer o outro como protagonista do próprio cuidado. Este texto é um convite para enxergar a formação em saúde como um caminho que se faz junto, passo a passo, com a comunidade.

¹ Graduanda em Medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, PE, Brasil.

E-mail: mariana.braga@discente.univasf.edu.br

² Graduanda em Medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, PE, Brasil. E-mail: raquel.cnonato@discente.univasf.edu.br

³ Graduanda em Medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, PE, Brasil. E-mail: lara.dantas@discente.univasf.edu.br

⁴ Graduanda em Medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, PE, Brasil. E-mail: carlos.pires@discente.univasf.edu.br

⁵ Autor para correspondência. Doutor em Engenharia Química e Biológicas, Universidade do Minho, Braga – Portugal. Professor do Colegiado de Farmácia, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, PE, Brasil. E-mail: david.neri@univasf.edu.br

Palavras-chave: Engajamento social; Práticas colaborativas; Formação humanizada; Transformação profissional; Construção de sentido.

ABSTRACT

Learning doesn't always come from textbooks. Sometimes, it's a handshake, a quiet conversation, or an unexpected home visit that truly shapes health education. This experience report shares the journey of students who stepped outside the classroom and into the reality of communities engaged in the "Saúde Evidente" project. What began as an educational initiative became a process of personal and collective transformation. Through meetings at primary care units, community talks, walks in the park, and home visits, bonds were formed, discoveries were made, and lessons emerged that no theoretical content alone could provide. The experience showed that university extension, more than a component of academic training, is a space where empathy becomes action, strategies are shaped by context, and people are recognized as active participants in their own care. This report is an invitation to view health education as a path built together, step by step, with the community.

Keywords: Social engagement; Collaborative practices; Humanized training; Professional transformation; Meaning-making.

RESUMÉN

El aprendizaje no siempre proviene de los libros de texto. A veces, es un apretón de manos, una conversación tranquila o una visita domiciliaria inesperada lo que realmente moldea la educación en salud. Este informe de experiencia comparte el recorrido de estudiantes que salieron del aula y se adentraron en la realidad de las comunidades involucradas en el proyecto "Saúde Evidente" (Salud Clara y Accesible). Lo que comenzó como una iniciativa educativa se convirtió en un proceso de transformación personal y colectiva. A través de reuniones en unidades de atención primaria, charlas comunitarias, caminatas en el parque y visitas a domicilio, se forjaron vínculos, se hicieron descubrimientos y surgieron lecciones que ningún contenido teórico por sí solo podría proporcionar. La experiencia demostró que la extensión universitaria, más que un componente de la formación académica, es un espacio donde la empatía se convierte en acción, las estrategias se adaptan al contexto y las personas son reconocidas como participantes activos en su propio cuidado. Este informe es una invitación a ver la educación en salud como un camino que se construye juntos, paso a paso, con la comunidad.

Palabras clave: Compromiso social; Prácticas colaborativas; Formación humanizada; Transformación profesional; Construcción de sentido.

INTRODUÇÃO

A extensão universitária, como um dos pilares da educação superior, ao lado do ensino e da pesquisa, representa uma via essencial para aproximar o conhecimento acadêmico das demandas sociais (Brasil, 1988). Como afirmam Guimarães e Pereira (2023), a participação social e a educação popular em saúde constituem caminhos fundamentais para o diálogo efetivo

entre a universidade e a comunidade. No contexto da formação em saúde, a extensão se mostra especialmente significativa por promover experiências que transcendem o espaço da sala de aula, permitindo que os estudantes entrem em contato com diferentes realidades, ampliem seu repertório humano e desenvolvam competências essenciais para uma atuação ética, empática e transformadora.

A vivência extensionista favorece o desenvolvimento de habilidades que nem sempre são plenamente alcançadas pelo ensino teórico. Muitos conteúdos se consolidam quando colocados em prática (Learcton; Oliveira; Almeida Júnior, 2015). Escuta ativa, diálogo, empatia e vínculo com o outro são dimensões fundamentais no cuidado em saúde, e sua construção depende da vivência de situações reais, com desafios concretos e relações interpessoais autênticas. Nesse sentido, a extensão universitária configura-se como um processo multifacetado, com dimensões educativas, culturais, científicas e tecnológicas, que ao integrar ensino e pesquisa, estabelece uma conexão transformadora entre universidade e sociedade (Melo Neto, 2017).

Projetos como o “Saúde Evidente” exemplificam como a universidade pode contribuir para a formação integral do estudante, ao mesmo tempo em que cumpre sua função social, promovendo o bem-estar coletivo. Desenvolvido por discentes da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), com orientação docente, o projeto tem como objetivo promover educação em saúde voltada à prevenção e ao controle de doenças metabólicas, como diabetes, hipertensão arterial e dislipidemia. A proposta envolve ações presenciais e digitais, com foco na criação de materiais educativos acessíveis e no uso de estratégias de comunicação simples, lúdicas e participativas. Foram desenvolvidos vídeos, postagens, dinâmicas interativas e rodas de conversa, tanto em redes sociais quanto em espaços comunitários. Essas ações buscaram facilitar a compreensão sobre fatores de risco, cuidados necessários e formas de prevenção, incentivando o autocuidado e a autonomia dos participantes (Carvalho *et al.*, 2023).

Mais do que avaliar o impacto clínico dessas ações na comunidade, este artigo propõe refletir sobre os efeitos formativos da participação discente no projeto. O objetivo é relatar as experiências dos estudantes envolvidos no “Saúde Evidente”, destacando os desafios enfrentados no planejamento e execução das atividades, bem como os aprendizados construídos ao longo do processo. Por meio da articulação entre teoria e prática, essa vivência possibilitou o desenvolvimento de competências técnicas, comunicativas e relacionais, fundamentais para

o exercício de uma prática profissional mais humanizada, crítica e comprometida com a realidade da saúde pública (Munin de Sá; Monici; Conceição, 2022).

METODOLOGIA

Onde tudo começou: como construímos essa experiência

Antes de se transformar neste relato, o projeto “Saúde Evidente” foi vivido intensamente por cada um de nós, em cenários reais de cuidado e aprendizado. O que apresentamos aqui é fruto de uma experiência construída em campo, com base em vivências concretas, observações atentas e reflexões compartilhadas ao longo do processo. Longe de seguir um roteiro rígido, nosso percurso se desenvolveu de forma orgânica, pautado por uma abordagem qualitativa e descritiva, na qual o cotidiano das ações extensionistas nos guiou. Trata-se de um relato de experiência fundamentado nos princípios da extensão universitária e da educação popular em saúde. O relato de experiência não se configura necessariamente como uma pesquisa acadêmica, mas constitui o registro e a reflexão crítica sobre práticas vivenciadas em contextos formativos e sociais (Lüdke; Cruz, 2010). Participaram diretamente 11 discentes, sendo oito do curso de Medicina e três de Farmácia, além de dez colaboradores convidados, cinco de cada curso, e dois docentes, o coordenador do projeto e uma professora colaboradora. Ao todo, 36 pessoas foram acompanhadas durante as ações extensionistas, compondo um processo coletivo de aprendizagem e cuidado.

O projeto de extensão “Saúde Evidente” foi concebido com o objetivo de fortalecer o vínculo entre universidade e comunidade, por meio de ações educativas voltadas à promoção da saúde e ao cuidado integral de pessoas com doenças metabólicas. A proposta surgiu a partir de uma iniciativa do coordenador do projeto, com a intenção de proporcionar aos estudantes um ambiente extensionista e, ao mesmo tempo, ampliar a divulgação de conhecimentos sobre o cuidado e a prevenção dessas patologias. As atividades foram desenvolvidas prioritariamente em cinco Unidades Básicas de Saúde (UBSs) do município de Petrolina (PE), localizadas nas proximidades da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), o que favoreceu a articulação entre os estudantes e os serviços da rede de atenção primária.

A etapa inicial concentrou-se na capacitação da equipe discente, com treinamentos conduzidos por profissionais de diferentes áreas da saúde. Biomédicos abordaram aspectos bioquímicos e análises laboratoriais relacionadas ao acompanhamento clínico; farmacêuticos apresentaram os principais medicamentos utilizados no tratamento das doenças metabólicas;

uma nutricionista forneceu subsídios teóricos e práticos para a construção de um cardápio saudável e acessível; uma psicóloga tratou dos aspectos emocionais e psicológicos envolvidos no cuidado de pacientes com doenças crônicas; e um profissional de educação física orientou sobre os benefícios da prática regular de atividades físicas. Essa preparação teórico-prática contribuiu tanto para a qualificação do atendimento à população quanto para a produção dos materiais educativos utilizados ao longo do projeto.

Com base nesse preparo, as equipes foram organizadas de maneira estratégica, considerando as demandas específicas de cada UBS e o perfil de atuação dos estudantes. No primeiro encontro com os usuários, foi servido um café da manhã saudável, seguido da aplicação de questionários para identificação de dúvidas, dificuldades de compreensão e experiências relacionadas ao autocuidado. Foram incluídas no projeto pessoas com diagnóstico de pelo menos uma das seguintes condições: diabetes, hipertensão arterial, obesidade ou dislipidemia. A ação apresentou diversos desafios desde o início, como a resistência de alguns usuários, que apresentavam justificativas para não participar. Ainda assim, houve exemplos marcantes de envolvimento, como o de um paciente analfabeto, que, com ajuda, conseguiu se expressar e participar ativamente.

Nesse momento inicial, também foram realizadas aferições clínicas e antropométricas, como verificação da glicemia capilar, pressão arterial, circunferência da cintura e do quadril, altura e composição corporal por meio de balança de bioimpedância. Essas informações subsidiaram o planejamento das ações de acompanhamento, que incluíram novos encontros, visitas domiciliares e atividades educativas nas UBSs. A atuação inicial ocorreu de forma conjunta entre os estudantes; posteriormente, as equipes foram distribuídas por unidade, o que favoreceu a continuidade do atendimento e o fortalecimento do vínculo com os usuários.

O projeto também contemplou ações em espaços públicos, como o Parque Josepha Coelho, além da produção de materiais educativos em diferentes formatos. Entre os recursos desenvolvidos, destacam-se a cartilha digital “Entenda de uma vez tudo sobre a diabetes”, um material com mitos e verdades sobre a doença e um livro virtual com receitas saudáveis, de preparo simples, priorizando o uso de alimentos acessíveis e de baixo custo. Esses materiais complementaram as ações presenciais, com o propósito de ampliar o acesso à informação e fomentar a autonomia dos participantes no cuidado com a própria saúde.

Ao longo do projeto, os estudantes estiveram envolvidos em todas as etapas, desde a definição dos conteúdos e temas a serem abordados até a elaboração dos materiais e a realização

das atividades educativas. As ações foram planejadas com foco na acessibilidade da linguagem e no uso de estratégias lúdicas e interativas, como rodas de conversa, vídeos informativos, materiais digitais para redes sociais e intervenções presenciais em praças e UBSs. A divisão de responsabilidades entre os discentes considerou as afinidades e habilidades individuais, favorecendo um ambiente colaborativo e interdisciplinar. Essa vivência proporcionou um processo formativo que integrou conhecimento técnico, criatividade e compromisso social. Durante o percurso, foram registradas falas e percepções dos participantes, que traduzem o impacto das ações e a natureza transformadora da experiência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estar em campo: o que é aprender no contato com o outro

Vivenciar a extensão na prática trouxe uma nova perspectiva sobre a formação em saúde. Ao sair da sala de aula e se inserir nos espaços comunitários e nas Unidades Básicas de Saúde, tornou-se evidente que o conhecimento técnico, por si só, é insuficiente para atender às necessidades reais da população. O contato com pessoas em diferentes contextos sociais revelou a importância de uma atuação mais humana, sensível e adaptável.

A aproximação com a comunidade exigiu uma mudança de postura. A comunicação, que no ambiente acadêmico tende a ser mais formal e técnica, precisou ser reformulada para que fosse clara, acessível e acolhedora. Muitos participantes relataram que, no consultório, sentem-se inibidos em fazer perguntas sobre suas condições de saúde, por medo de serem julgados ou por vergonha de não compreenderem os termos utilizados. Diante disso, foi necessário criar um ambiente de confiança, onde pudessem expressar livremente suas dúvidas e experiências. Essa adaptação da linguagem e da abordagem foi um dos primeiros grandes desafios enfrentados.

Além disso, foi necessário reconhecer as próprias limitações. Muitas situações não seguiam um roteiro pré-definido, exigindo flexibilidade, paciência e disposição para aprender no diálogo com o outro. Ao lidar com histórias de vida diversas, percebeu-se que, além da orientação técnica, o acolhimento e o apoio emocional têm papel central na promoção do cuidado.

No início, enfrentamos momentos de insegurança, especialmente quando assumimos pela primeira vez o espaço de uma sala para realizar aferições clínicas e conversar com os participantes, sem saber como eles reagiriam. Com o tempo, fomos surpreendidos por retornos

muito positivos. Alguns participantes mencionaram que gostariam que houvesse mais projetos como o nosso, que acompanhassem e apoiassem os pacientes na sua caminhada. O sentimento de gratidão foi mútuo: de um lado, os participantes expressando satisfação com o serviço prestado; de outro, nós, estudantes, reconhecendo o quanto aprendemos sobre escuta, acolhimento e atendimento individualizado.

Tivemos experiências marcantes, como a de um participante analfabeto que dependia da filha para se comunicar e comparecer às consultas. Em outro caso, uma usuária que trabalhava durante todo o dia fez questão de nos receber em casa à noite, mesmo cansada, pois não conseguia ir até a UBS. Esses exemplos nos ensinaram sobre as limitações reais enfrentadas por muitas pessoas e nos mostraram a importância de agir com sensibilidade e encontrar alternativas viáveis para garantir o cuidado.

Esperávamos que a ação educativa fosse mais simples, mas nos deparamos com demandas que exigiram adaptações reais para manter o engajamento dos participantes até o final do projeto. A prática extensionista revelou que atuar em saúde exige, acima de tudo, o desenvolvimento de competências relacionais, como a escuta ativa, empatia e comunicação assertiva, fundamentais para a construção de vínculos e para o cuidado centrado nas pessoas. Aprender com o outro, respeitando seus saberes e suas realidades, tornou-se uma ferramenta essencial para construir uma atuação mais efetiva e humanizada. Estar em campo significou, portanto, compreender que a formação em saúde não se dá apenas pela teoria, mas, sobretudo, pela experiência concreta com as pessoas.

Os caminhos nem sempre fáceis: desafios enfrentados na prática

Apesar do sucesso no cumprimento de vários objetivos e metas do projeto, a vivência extensionista também foi marcada por desafios que surgiram gradualmente ao longo do percurso. No início, houve dificuldade em encontrar pacientes aptos a participar, seja por critérios de inclusão específicos, indisponibilidade ou falta de interesse. Além disso, muitos demonstraram resistência ou insegurança em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o que limitou a adesão inicial. Outro ponto desafiador foi o convite para o evento realizado no Parque Josepha Coelho, pois diversos usuários não respondiam prontamente às tentativas de contato ou enfrentavam obstáculos logísticos e pessoais para comparecer.

Durante o acompanhamento, observou-se que alguns participantes apresentavam dificuldade em seguir as orientações propostas para mudança de hábitos de vida, especialmente no que diz respeito à alimentação, à prática de atividades físicas e à cessação de comportamentos prejudiciais. A continuidade dos encontros nas unidades básicas de saúde também se mostrou instável, tanto por questões de agenda quanto pelo comparecimento irregular dos usuários, o que impactou parcialmente o acompanhamento planejado.

Para lidar com esses imprevistos, limitações, inseguranças e possíveis conflitos, a equipe adotou uma abordagem cuidadosa e adaptável. A leitura do TCLE era realizada de forma clara e acessível, garantindo que todas as dúvidas fossem esclarecidas antes da assinatura, promovendo segurança e confiança no processo. Para aqueles que desejavam participar, mas enfrentavam limitações de locomoção, foram realizados atendimentos domiciliares, assegurando inclusão e equidade no acesso às ações do projeto. Além disso, o contato frequente por meio do WhatsApp mostrou-se fundamental para o acompanhamento, especialmente no incentivo à adesão às orientações relacionadas à mudança de hábitos.

Como estratégia integradora, foram promovidos encontros no parque, nos quais eram realizadas coletas de dados clínicos e antropométricos, como aferição de glicemia capilar, pressão arterial, peso corporal e circunferência da cintura. Essas atividades ocorriam de forma simultânea à realização de caminhadas. Durante os encontros, também eram oferecidas orientações em saúde, o que fortalecia o vínculo com os participantes e promovia o cuidado em um ambiente mais leve, acolhedor e motivador. Ao longo do percurso, também percebemos que enfrentar esses desafios exigia colaboração entre os membros da equipe, com trocas constantes de estratégias, apoio mútuo diante das dificuldades e respeito à diversidade de ideias e habilidades.

Esses obstáculos, mesmo que desafiadores, nos incentivaram a buscar formas de adaptação no cenário prático e nos ensinaram a importância da flexibilidade e das competências relacionais necessárias à atuação profissional em saúde. Percebemos que, para promover uma atenção à saúde verdadeiramente efetiva e humanizada, é fundamental adaptar nossas estratégias às realidades e limitações de cada indivíduo, indo além do que está previsto no plano inicial.

A necessidade de realizar atendimentos domiciliares, manter contato contínuo pelo WhatsApp e criar espaços alternativos de cuidado, como os encontros no parque, nos mostrou que o trabalho em saúde exige criatividade, sensibilidade e disposição para sair do ambiente

tradicional. Essas vivências reforçaram o valor do acolhimento e da comunicação clara, além de nos fazer repensar o papel do profissional, que deve atuar não apenas como técnico, mas também como agente ativo na construção de vínculos, promoção da autonomia e cuidado contínuo com o paciente, mesmo diante das dificuldades.

Quando se aprende fazendo: o que levamos dessa vivência

A participação no projeto “Saúde Evidente” representou uma oportunidade singular de aprendizado, marcada por experiências que extrapolaram os limites da sala de aula e das disciplinas teóricas. Ao levar o conhecimento científico para contextos reais, os estudantes puderam vivenciar o cuidado em sua dimensão mais ampla, desenvolvendo competências relacionais e comunicativas, marcadas pela escuta atenta, pela sensibilidade e pela capacidade de adaptar a linguagem às diferentes realidades sociais.

As ações realizadas nas Unidades Básicas de Saúde e em espaços públicos revelaram-se potentes ferramentas de aprendizagem. Foi no contato direto com os participantes que muitos dos conteúdos previamente estudados se tornaram mais compreensíveis e relevantes. O desafio de traduzir conceitos técnicos para uma linguagem clara e acolhedora exigiu criatividade, respeito e capacidade de adaptação, fortalecendo a percepção dos estudantes sobre o papel educativo do profissional de saúde.

Essas vivências práticas incluíram atendimentos diversos realizados nas UBSs, com foco na verificação da pressão arterial, glicemia capilar, composição corporal e medidas antropométricas. A Figura 1 apresenta registros dessas ações, evidenciando momentos de atendimento, orientação e interação entre os estudantes e a comunidade, e ilustra como o conhecimento teórico foi aplicado na prática do cuidado em saúde.

Além das competências relacionais e comunicativas, o projeto proporcionou o desenvolvimento de importantes conhecimentos técnicos. Os estudantes foram capacitados e puderam praticar o uso de equipamentos como o glicosímetro para verificação da glicemia capilar, o medidor automático de braço para aferição da pressão arterial, a balança de bioimpedância para avaliação da composição corporal e as fitas métricas para mensuração antropométrica. Também foi essencial compreender e interpretar corretamente os resultados, contribuindo para uma abordagem mais qualificada e segura junto à comunidade.

Figura 1 – Atendimentos e ações extensionistas desenvolvidos pelo projeto “Saúde Evidente”



(A–F).

(Fonte: acervo dos autores, 2024)

Momentos marcantes ao longo do percurso contribuíram para o amadurecimento profissional e pessoal. Um exemplo foi o contato com um participante analfabeto que, mesmo enfrentando barreiras de comunicação, demonstrou grande interesse e engajamento nas atividades. Outro caso foi o de pessoas que moravam sozinhas e enfrentavam o desafio diário de tomar os medicamentos nos horários corretos. Situações como essas evidenciaram a importância de considerar as realidades individuais e de criar estratégias educativas mais inclusivas e empáticas.

O envolvimento no projeto também fortaleceu diversas competências, como autoconfiança, liderança, organização, autonomia, resolução de problemas, proatividade e adaptabilidade, além da capacidade de acolher e assistir de forma acessível. Esses elementos

foram fundamentais para consolidar uma postura crítica e comprometida com o cuidado humanizado.

Outro aprendizado importante foi perceber que educar é também escutar. Em muitas rodas de conversa, os participantes não apenas recebiam informações, mas também compartilhavam histórias, dúvidas e experiências, permitindo uma troca de saberes rica e significativa. Essa interação reforçou o entendimento de que o processo educativo na saúde se dá por meio da construção conjunta do conhecimento, baseada no diálogo, no vínculo e na confiança.

Assim, a vivência extensionista foi essencial não apenas para a consolidação do aprendizado técnico, mas também para o desenvolvimento de valores que contribuem para a formação de profissionais de saúde mais sensíveis, responsáveis e comprometidos com a realidade da população que atendem.

Marcas que permanecem: o que essa vivência deixou em nós

A participação no projeto “Saúde Evidente” deixou marcas profundas, tanto na formação acadêmica quanto na trajetória pessoal. A convivência com a realidade da comunidade trouxe a consciência de que a prática em saúde é um processo dinâmico, que exige muito mais do que a aplicação de conhecimentos técnicos. Ela demanda empatia, paciência, comunicação eficiente e, acima de tudo, respeito às singularidades de cada indivíduo.

Um dos aprendizados mais significativos foi compreender que o sucesso de uma intervenção em saúde não se mede apenas pela transmissão de informações, mas pela capacidade de gerar vínculo, estimular o protagonismo do paciente e fortalecer sua autonomia para o autocuidado. Pequenos gestos de acolhimento e uma escuta genuína mostraram-se essenciais para construir confiança e incentivar mudanças de comportamento.

A experiência extensionista também ressignificou nossa visão sobre o papel da universidade na formação de profissionais da saúde. Entender a extensão como um eixo tão relevante quanto o ensino e a pesquisa reforçou a importância de integrar teoria e prática, respeitando as complexidades sociais presentes nos diferentes contextos. Estar em espaços comunitários proporcionou vivências que dificilmente seriam alcançadas apenas dentro do ambiente acadêmico tradicional.

O projeto também contribuiu para o fortalecimento de competências como trabalho em equipe, liderança, organização e capacidade de adaptação a contextos diversos. Essas

habilidades, além de fundamentais para o exercício profissional, são essenciais para a formação de sujeitos mais críticos, éticos e comprometidos com a transformação social.

A principal marca que permanece é a certeza de que o cuidado em saúde é uma construção coletiva, sustentada pelo diálogo, pelo respeito e pela valorização da história de cada pessoa. Essa experiência consolidou a percepção de que ser um bom profissional não depende apenas da técnica, mas da sensibilidade e da responsabilidade ao olhar e acolher o outro.

Essa vivência também nos ajudou a reafirmar nossa escolha pela área da saúde, trazendo mais clareza sobre o tipo de profissionais que queremos ser: comprometidos não apenas com resultados, mas com pessoas. Levamos conosco não apenas o que ensinamos, mas, principalmente, o que aprendemos com cada história, cada encontro e cada desafio vivido.

Quando ensinar é também transformar: o que essa experiência pode inspirar

Participar do projeto “Saúde Evidente” nos mostrou, na prática, que o ensino pode ir muito além da sala de aula. Quando a universidade se aproxima da comunidade, todos aprendem. Não é só o estudante que cresce, mas também o professor que orienta e, principalmente, as pessoas com quem trocamos experiências. A extensão nos ensinou que o conhecimento só se completa quando é compartilhado e aplicado à realidade (Siqueira *et al.*, 2017).

Nas ações que realizamos nas Unidades Básicas de Saúde e nos espaços públicos de Petrolina, vivenciamos situações que nenhuma disciplina teórica isolada seria capaz de nos proporcionar. O contato direto com os participantes, a escuta de suas histórias e a adaptação da linguagem exigiram muito mais do que aplicar conteúdos. Foi preciso escutar com atenção, acolher e adaptar-se às circunstâncias. Aprendemos que educar em saúde é também aprender a cada encontro, e que o vínculo é tão importante quanto a informação (Divino *et al.*, 2013).

Essa experiência também nos fez repensar o papel da universidade em nossa formação. Entendemos que a extensão universitária, assim como o ensino e a pesquisa, também faz parte da nossa formação de forma essencial, como já prevê a Constituição Brasileira de 1988 (Brasil, 1988). Estar com a comunidade, colocando a teoria em prática, nos fez perceber que o aprendizado ganha sentido quando ocorre em contextos reais, marcados por interações genuínas e colaborativas. Por isso, acreditamos que projetos como este precisam ser fortalecidos com mais apoio, mais incentivo e mais espaço dentro dos cursos. Isso inclui ampliar o diálogo entre áreas, valorizar as vivências em campo e oferecer suporte contínuo aos estudantes.

CONCLUSÃO

O que queremos deixar como mensagem é simples: viver a extensão é uma experiência que enriquece a formação e o olhar profissional. Não é preciso esperar o projeto perfeito ou saber tudo antes de começar. Basta estar disposto a aprender com o outro, a construir junto. Docentes e estudantes que se permitirem viver essa experiência vão perceber que ensinar também transforma. É nesse encontro entre o conhecimento e a realidade que a formação em saúde se torna mais completa e significativa.

Ao final dessa caminhada, saímos com novas perspectivas e maior maturidade profissional. Cada história ouvida, cada gesto de acolhimento, cada desafio superado deixou marcas profundas na forma como enxergamos a nossa futura atuação. A sala de aula nos deu a base, mas foi no contato com a comunidade que o aprendizado se concretizou de forma prática e humana. Hoje, compreendemos que cuidar vai muito além da técnica. É escutar, adaptar, respeitar e estar presente.

Acreditamos que esse é um dos papéis mais relevantes da extensão universitária: promover o aprendizado mútuo e fortalecer a formação cidadã. Que essa experiência possa inspirar outras iniciativas, para que mais pessoas tenham a oportunidade de descobrir que ensinar também é uma forma de aprender, e que aprender com propósito gera transformações reais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988.

CARVALHO, Renan Fernandes; FARIA, Magda Guimarães de A.; SILVA, Carine Silvestrini Sena Lima; ALVES, Luciana Valadão Vasconcelos; TEN, Yan Zi Li Figueredo; GUEDES, Fernanda Costa; VENANCIO, Christiane Gleyce da Silva Freitas; CARDOSO, Virginia Luiza Ponte Cruz. **Práticas extensionistas sob a perspectiva teórica das universidades promotoras da saúde**. J. Nurs. Health, 2023, p. 13324331–13324331.

DIVINO, Anne Emiler do A.; OLIVEIRA, Carla Eduarda Luz de; NETA, Hilda Rollemberg de Souza; MENEZES, Raira Mota de Jesus; COSTA, Carmen Lucia Neves do Amaral; COSTA, Christian Alexandra de Carvalho; CAMPOS, Lucir da Silva; CABRAL, Stephanie Costa da Silva. **A extensão universitária quebrando barreiras**. Cadernos de Graduação – Ciências Humanas e Sociais, Maceió, v. 1, n. 16, 2013, p. 135-140.

GUIMARÃES, Giane Carvalho; PEREIRA, Mariana Gomes. **Educação popular em saúde: potencialidades para a formação profissional e participação social**. Interface: Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 27, 2023.

LEARCTON, Fábio; OLIVEIRA, Bruno; ALMEIDA JÚNIOR, Jailson. **Extensão universitária: contribuições na formação de discentes de Enfermagem**. Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde, v. 17, n. 1, 2015, p. 19.

LÜDKE, M.; CRUZ, G. B. da. **Contribuições ao debate sobre a pesquisa do professor da educação básica**. Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, v. 2, n. 3, 2010, p. 86–107.

MELO NETO, José Francisco. **Extensão universitária: bases ontológicas**. In: PRADO, Eliane Vasconcelos et al. (org.). *Caderno de extensão popular: textos de referência para a extensão universitária*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017. p. 153-174.

MUNIN DE SÁ, Maria Aparecida; MONICI, Sílvia Cristina Borges; CONCEIÇÃO, Magera. **A importância do projeto de extensão e o impacto que ele tem no processo formativo dos estudantes universitários**. Revista Científica ACERTTE, v. 2, n. 3, 2022, e2365. DOI: <https://doi.org/10.47820/acertte.v2i3.65>.

SIQUEIRA, Samylla Maira Costa; JESUS, Viviane Silva de; SANTOS, Elane Nayara Batista dos; WHITAKER, Maria Carolina Ortiz; SOUSA, Brendo Vitor Nogueira; CAMARGO, Climene Laura de. **Extension activities, health promotion and sustainable development: the experience of a nursing research group**. Escola Anna Nery – Revista de Enfermagem, v. 21, n. 1, 2017.